

Hipocrisia, moralidade e caráter em Nietzsche.

Gustavo Bezerra do Nascimento Costa

Resumo: O presente artigo trata do problema ético nietzscheano da constituição de um caráter de exceção sob duas frentes: primeiramente, sob um viés negativo, como contraposição à moralidade do rebanho. Depois, em seu momento construtivo ou afirmativo, propriamente como *criação de si*. O *leitmotiv* dessa dupla apresentação é o da defesa de aspectos daquilo que associamos à noção de hipocrisia como chave de interpretação para essa constituição. Primeiramente, como arte dissimulação, na forma de um refúgio do indivíduo em meio à moralidade do rebanho. Depois, como arte do ator, nas práticas que Nietzsche associa à constituição de si.

Palavras-chave: ética; criação de si; hipocrisia.

Hipocrisia, moralidade e caráter

Uma coisa é a origem de um termo a partir de uma determinada prática; outra é a avaliação imposta às práticas a ele associadas em determinada época.

É preciso ter essa distinção em mente quando se trata de uma compreensão daquilo que comumente tomamos por hipocrisia: uma coisa é a sua origem enquanto *arte do ator*¹; outra é a origem das *práticas* às quais, posteriormente, o *termo* hipocrisia foi associado e avaliado: as práticas consideradas amorais ou ainda, imorais. Se com relação

1 A origem grega – *hypokrisia*, *hypókrisis* – remeteria à resposta do oráculo, ou à ação de desempenhar um papel, uma peça, uma pantomima. B. Szabados e E. Soifer também remontam o conceito ao teatro grego, onde *hypokrites* era o ator principal, destacado do coro, cuja fala se dava abaixo [*hypo*] e em separado [*krinein*] deste. Daí o termo *hypokrinesthai* para designar “resposta” ou “atuar em uma peça” e, posteriormente, *hypokrisia* para designar o “ato de falar em um diálogo” ou de “atuar em um palco”. Cf. SZABADOS, B.; SOIFER, E. *Hypocrisy – ethical investigations*. p.19. Para uma maior compreensão acerca da amplitude de sentidos a partir do termo: *κρίνω*, de onde derivam: ‘υπόκρισις e ‘υποκρισία, cf. também: CHANTRÂINE, Pierre. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999. Vale salientar que o radical “*krin*” oriundo de “*krinein*”, vem a significar não só “separar”, mas também “decidir”.

ao primeiro sentido – o sentido artístico – não haveria uma “real intenção” de enganar, ou antes, o engano seria até desejado, o mesmo não se pode dizer da segunda acepção. Nesta a hipocrisia, enquanto prática da astúcia e da dissimulação, assume o fardo de uma avaliação na qual lhe é conferido o estatuto de “mãe de todos os vícios”, a própria antípoda de um comportamento moral e, sob essa perspectiva, ético. Como procuraremos aqui defender, associadas ao pensamento nietzscheano, estas duas acepções nos permitirão uma interpretação para o problema que está na base daquilo que Nietzsche compreende como essencial para a constituição de um *ethos*² ou de um *caráter* exemplar: não só em seu momento negativo, ou, como preferimos, reativo – como preservação do indivíduo frente ao rebanho – como também em seu viés ativo, ou afirmativo, nas práticas que configuram, no pensamento nietzscheano³, a *criação de si*.

Para isso, é preciso que retrocedamos, com Nietzsche, aos “períodos de ‘moralidade do costume’”, momento da “...verdadeira e decisiva história que determinou o caráter da humanidade: em que o sofrimento era virtude, a crueldade era virtude, a dissimulação era virtude, [...] enquanto o bem-estar era perigoso, a sede de saber era perigo, [...] a compaixão era perigo, [...] a loucura era coisa divina...”⁴.

2 Cf. GIACÓIA Jr, O. “Moralidade e memória: dramas do destino da alma”. p.203 e 213. Segundo o autor (citando H.C. Lima Vaz. *Escritos de filosofia II*. Ética e Cultura. São Paulo: Loyola, 1988, p.14), Nietzsche vincular-se-ia a uma concepção tradicional que entende *ethos* (com *epsílon* inicial) como hábito: o comportamento resultante de um constante repetir-se dos mesmos hábitos (daqui a oposição entre *physei* e *ethei*, natural e habitual). *Ethos* que se contrapõe, pela constância, a desejo (*órexí*) e que, já como “possessão estável”, designado pelo termo *hexis*, exprime a *autárkeia* de seu agente, o domínio sobre si mesmo, ou seja, o seu *caráter*, aqui estreitamente vinculado à consciência moral [*Gewissen*] como responsabilidade.

3 O Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (2009) (Cf. também o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*) recomenda a grafia de adjetivos relacionais com o sufixo *-eano* apenas quando: a sílaba tônica do derivante for *-e* tônico ou ditongo tônico com base em *-e*, ou ainda quando, mesmo átono, o *-e* for seguido de vogal átona – o que não é o caso de “Nietzsche”. “Nietzschano”, portanto, seria a grafia recomendada. Apesar disso, compreendemos que a utilização de “nietzscheano” vem a evitar a tendência a omitir-se a sonoridade do *-e*, como quando se pronuncia “Nietzsch”, ou “nietzschiano”. Esta grafia, ademais, vem a acompanhar a dos adjetivos correspondentes em outras línguas: “nietzscheano” (esp.), “nietzscheéne” (fr.), “nietzschean” (ing.).

4 NIETZSCHE, *Aurora* §18, p.25-6.

É preciso, portanto, que nos posicionemos na perspectiva do “espírito livre” e nos abstenhamos de uma pré-avaliação moral acerca da hipocrisia, dissimulação e afins.

O indivíduo e a moralidade

No pensamento nietzscheano, a prática da dissimulação, à qual a hipocrisia é geralmente associada, tem suas origens no instinto de conservação e nas estratégias de sobrevivência dos seres vivos (por exemplo, o mimetismo). Com o animal de rapina homem, tal prática atinge seu grau maior de refinamento, e a dissimulação passa então a ser compreendida como arte: *arte da dissimulação*. Em *Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*, escrito de juventude postumamente publicado, bem como nos fragmentos da época, Nietzsche esboça uma interpretação acerca das condições fisiológicas e históricas de surgimento do “instinto (ou impulso) de verdade” que marca nossa civilização. Nela, a chamada “arte da dissimulação” assume papel decisivo para uma compreensão das possibilidades de convivência anteriores ao surgimento do “instinto de verdade” no homem:

Como um meio para a conservação [*Mittel zur Erhaltung*] do indivíduo, o intelecto desenrola suas principais forças na dissimulação [*Verstellung*]; pois esta constitui o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos vigorosos, conservam-se [...]. No homem, essa *arte da dissimulação* [*Verstellungskunst*] atinge seu cume: aqui, o engano [*Täuschung*], o adular, mentir e enganar [*Lügen und Trügen*], o falar pelas costas, o *representar*, [...] o *masqueamento*, [...] [constituem] a tal ponto a regra e a lei, que quase nada é mais incompreensível do que como pôde vir à luz entre os homens um legítimo e puro impulso à verdade⁵.

5 NIETZSCHE, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p.28.

Como *arte da dissimulação*, a hipocrisia é então o meio ou instrumento pelo qual o intelecto se desenvolve como forma de sobrevivência dos indivíduos – ou mesmo de grupos – mais fracos frente aos mais fortes⁶; como forma de manutenção de limites entre si e os outros. Na vida gregária, porém, esse instrumento acaba por ser tolhido – *no indivíduo* – em nome da imposição de uma verdade:

Enquanto o indivíduo, num estado natural das coisas, quer preservar-se contra outros indivíduos, ele geralmente se vale do intelecto apenas para a dissimulação: mas, porque o homem quer, ao mesmo tempo, existir socialmente e em rebanho, [...] ele necessita de um acordo de paz e empenha-se então para que a mais cruel *bellum omnium contra omnes* ao menos desapareça de seu mundo. [...] Agora, fixa-se aquilo que, doravante, deve ser “verdade”, quer dizer, descobre-se uma designação uniformemente válida e impositiva das coisas, sendo que a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade...⁷

6 Devemos aqui evitar uma associação precipitada entre “fracos” e “escravos”, assim como entre “fortes” e “superiores”. Em vários de seus textos Nietzsche aponta para o oposto: são os seres superiores aqueles mesmos que precisam de maior proteção. Cf., por exemplo, *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe*, XIII:14[133], 1888, p.315-7; *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe*, XIII:14[123], 1888, p.303-5; e ainda *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe*, XIII:15[65], 1888, p.450. O que nos permite estender o alcance da hipocrisia também como meio de proteção dos mais fortes (mais valiosos) em meio aos mais fracos (e mais numerosos), como veremos a seguir, quando tratarmos da ideia de hipocrisia como “refúgio”. Cf. também: *Humano, demasiado humano* §224, 155-156: “As naturezas mais fortes *conservam* o tipo, as mais fracas ajudam a desenvolvê-lo. – Algo semelhante acontece no indivíduo; raramente uma degeneração, uma mutilação ou mesmo um vício, em suma, uma perda física ou moral, não tem por outro lado uma vantagem”.

7 NIETZSCHE, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p.29.

Antecipando aqui a prática genealógica que irá desenvolver em seus escritos futuros – embora aqui ainda com certo teor contratualista na relação entre indivíduo e sociedade – Nietzsche percorre de forma inversa, *prospectiva*, o caminho que leva da necessidade de conservação do indivíduo à “*crença*” na *verdade* como valor incondicional, para ressaltar a “tendência moral” aí contida. Na hipótese nietzscheana, a verdade surgiria como “cristalização” – pela necessidade de estabelecimento de relações de confiança – de valores e costumes, a partir de conceitos criados pelas simplificações e transposições metafóricas próprias da linguagem. Essa origem metafórica, no entanto, seria esquecida e internalizada como questão de consciência [*Gewissen*]. O que era uma “tendência fisiológica” converte-se, pela necessidade de conservação e coesão do grupo, em um “dever da verdade” [*Pflicht der Wahrheit*] – dever este que, pelo esquecimento de suas origens, transfigura-se em “emoção moral” à verdade, e depois, por metástase a um “impulso à verdade”⁸ [*Trieb zur Wahrheit*].

Se a mentira não é aceita, se a hipocrisia – enquanto “vício” da mentira e da dissimulação – é algo moralmente condenável, não seria pela ilusão em si, ou por se opor a uma “verdade incondicional”, *mas pelos prejuízos à coletividade que podem vir a acarretar*. Ser “mentiroso”, nesse sentido, significaria não se submeter ao que o grupo convencionou, ou seja, não se conformar em mentir gregariamente – já que exigiria de si invenção e memória⁹ – ao passo que ser “verídico”, obedecer ao “acordo”, seria mais cômodo, seguro e vantajoso. O que torna a hipocrisia um *problema moral* não seria propriamente o “engano” aí envolvido, nem, talvez, que “não se saiba estar sendo enganado”, mas as consequências que decorrem de certas formas de engano – como nos mostra Nietzsche, enfatizando o aspecto utilitarista aí envolvido:

8 NIETZSCHE, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p.37. Cf. tb. COLLI, G.; MONTINARI, M. (orgs.); *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe* (doravante KSA -VII:19[97] 1872-3), p. 451-2

9 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §54, p.56.

O mentiroso serve-se das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo [...]. Se faz isto de uma maneira individualista e ainda por cima nociva, então a sociedade não confiará mais nele e, com isso, tratará de excluí-lo. [...] o que [os homens] odeiam fundamentalmente não é o engano, mas as consequências ruins, hostis, de certos gêneros de engano. Num sentido semelhantemente limitado, o homem também quer apenas a verdade. Ele quer as consequências agradáveis da verdade. As que conservam a vida...¹⁰.

Percebam que é justamente quando a *perspectiva* de avaliação muda do indivíduo para a comunidade – ou seja, na instauração da *moralidade dos costumes* [*Sittlichkeit der Sitte*] – que essa condenação do indivíduo¹¹ se realiza. A partir daí, qualquer tentativa de “desobediência” não poderia ser vista senão com maus olhos por um grupo que, pautado pelo “dever da verdade”, trata de coagir os “dissidentes” como ameaça à sua sobrevivência. Necessária à coesão e conservação desse rebanho, a verdade – e com ela a razão – será agora a instância de avaliação das formas de dissimulação e engano, condenando aquelas prejudiciais ao grupo – como a *loucura*, por exemplo – canalizando as demais para outras esferas – por exemplo, a da *arte*. Voltaremos a esses “desvios” mais à frente. Fiquemos, por enquanto, com o rebanho.

Em *Aurora* e outros textos do mesmo período, Nietzsche retoma e redimensiona – agora em tom hobbesiano – a hipótese de seus escritos de juventude acerca da formação da *moralidade dos costumes* [*Sittlichkeit der Sitte*]. Por força de coerção e motivo de coesão, impõe-se ao animal de rapina homem uma determinada *obediência* a costumes – com base nas experiências passadas acerca do que se presume ser útil ou prejudicial –, obediência essa que será depois internalizada

10 NIETZSCHE, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”, p.30.

11 NIETZSCHE, *O Andarilho e sua sombra*, §89, p. 46-7.

na forma do “sentimento do costume”¹², ou de uma *consciência moral* [*Gewissen*]. Tal processo corresponderia à *domesticação* [*Zähmung*] daquele animal de rapina na forma do “homem-rebanho”¹³ [*Heerdenmensch*].

“A moralidade é o instinto de rebanho no indivíduo”, dirá Nietzsche em *A Gaia ciência*: domesticar um indivíduo significaria frear e coibir os seus instintos de modo a inculcar-lhe o sentimento de pertença a uma coletividade e a crença nas virtudes do rebanho¹⁴ – em outras palavras, infundir-lhe o que poderíamos chamar de um *ethos social*. Trata-se de um processo educativo no qual têm papel a *memória* dos costumes e o *esquecimento* da dor sofrida, e que corresponderia à formação e passagem de uma *má-consciência* [*schlechtes Gewissen*] – enquanto desencrença em seus próprios instintos e virtudes – a uma *boa-consciência* [*gutes Gewissen*] – enquanto *crença nas virtudes do rebanho*. É, portanto, à custa da má-consciência *no indivíduo* que a boa-consciência *de rebanho* vêm à luz: “o indivíduo deve sacrificar-se – assim reza a moralidade do costume”¹⁵. É por meio desse trabalho artístico – porém sem artista¹⁶ – que a moralidade, enquanto boa-consciência de rebanho, *restitui* ao homem a crença no *valor* da vida. Como nos mostra Nietzsche desde *Humano, demasiado humano*, é esse mesmo processo de incorporação e configuração presente na invenção de uma boa-consciência – a internalização de hábitos e costumes¹⁷ – que atua na formação de um *caráter*; embora aqui um caráter *de rebanho*, próprios do indivíduo que “cresce em si por meio de sua moralidade”¹⁸ e que precisa permanecer confiável em meio ao rebanho.

Ora, para essa forma de boa-consciência, “o *tornar-se consciente*” [*das Bewußtwerden*] não poderia ser, senão, um sinal de que a moralidade propriamen-

12 NIETZSCHE, *Aurora* §19, p.26. Cf. tb *idem* §9, 17-9.

13 NIETZSCHE, KSA-XII:10[167],1887), p. 554-5.

14 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §116, p.142.

15 NIETZSCHE, *Opiniões e sentenças diversas* §90, p.46.

16 NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* §291, p.176.

17 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §228, p.159.

18 NIETZSCHE, *O Andarilho e sua sombra*, §89, p. 46-7.

te dita, a certeza instintiva do agir como rebanho, foi para as cucuias.¹⁹ Dirá Nietzsche: “Em todo tornar consciente exprime-se um mal-estar do organismo: algo novo deve ser tentado, não se está suficientemente pronto para tal, há esforço, tensão, superexcitação – tudo isso é justamente tornar consciente [...]. Só se age perfeitamente enquanto se age por instinto”²⁰. No entanto, é por meio dos processos conscientes que se pode novamente “*incorporar o saber* e torná-lo instintivo”²¹, restaurando a *espontaneidade* própria à boa-consciência, na moralidade como no indivíduo.

Como salienta Nietzsche, a condenação daqueles “desvios” do indivíduo – dentre os quais se incluiria a hipocrisia enquanto arte da dissimulação – tenderia a diminuir com o aumento de “poder da comunidade”, e tais desvios se tornariam menos “subversivos e perigosos para a existência do todo”²². Por outro lado, “dado que os homens, com vistas à sua segurança, puseram-se como *iguais* uns aos outros para a fundação da comunidade, mas tal concepção vai contra a natureza do indivíduo e é algo forçado, [...] ocorre que novos rebentos do antigo impulso à preponderância se afirmam, quanto mais a segurança é garantida...”²³. Sob esse ponto de vista, tal condenação apenas revelaria e acentuaria o caráter inventivo aí envolvido, abrindo caminho, como veremos a seguir, para que a arte da dissimulação venha a se configurar propriamente como *hipocrisia*, arte do ator – e com ela, como procuraremos defender, a possibilidade de constituição de um *ethos* e criação artística de um *caráter de exceção*.

Nesse sentido, nem a condenação nem tampouco o seu arrefecimento pelo incremento do poder social implicariam a supressão das formas de hipocrisia, ao contrário. A arte da dissimulação permaneceria mesmo como forma de proteção: agora, dos mais seletos frente aos mais numerosos. Seria então, nesse primeiro momento, uma força reativa, mas já criativa, de fuga da condição gregária, ou antes, de

19 NIETZSCHE, KSA-XIII:14[142], 1888, p. 325-7.

20 NIETZSCHE, KSA- XIII:15[25], 1888, p. 420-1.

21 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §11, p.62-3.

22 NIETZSCHE, *Genealogia da moral* - II§10, p.61.

23 NIETZSCHE, *O Andarilho e sua sombra* §31, 184.

preservação/constituição da individualidade ante o arrasto ao rebanho. Momento em que assumiria as facetas da *vaidade* e do *refúgio*: o que Nietzsche chama de “impulso à preponderância” e “legítima defesa”, respectivamente, mas que em outras épocas caracterizava aquilo que Accetto, e antes dele Maquiavel, compreendiam por *simulação* e *dissimulação*: “dizer o que não se é” e “não dizer o que se é”²⁴.

É dentro dessa perspectiva conflituosa, agonística, da relação entre indivíduo e moralidade que Nietzsche nos apresenta a possibilidade de constituição de um caráter como algo a ser em maior ou menor grau forjado, como uma *criação* propriamente *artística*. Pelo que se faria necessário novamente o “*tornar-se consciente*” a fim de que a individualidade venha a ser restituída.

Poderíamos nos perguntar, a essa altura, se com a defesa da preservação do indivíduo ante o rebanho e da criação de si, estaríamos diante da proposta de uma ética individualista. A resposta seria positiva, caso nos escapasse que uma ética individualista só é assim considerada quando se parte de uma perspectiva de rebanho, a qual elude o fato de que, para Nietzsche, são precisamente os grandes homens, os animais de rapina, os espíritos livres, os responsáveis, por sua *exemplaridade* e *excepcionalidade*, pela condução de si e do próprio rebanho. Não se trata, por isso, de uma ética individualista, mas antes *de exceção*, ou se quisermos, aristocrática. O indivíduo não é aqui considerado senão em relação ao todo, seja esse todo ele mesmo, a humanidade ou, em última instância, a vida. Por outro lado, não se trataria de universalizar essa excepcionalidade como norma, caso em que, claro, não seria mais de exceção. O pensamento nietzscheano é, como ele mesmo várias vezes salienta, dirigido a uma hierarquia, e nesse sentido a várias morais, como nos mostra esse fragmento de 1886-7:

Minha filosofia está dirigida à hierarquia: não a uma moral individualista. O sentido do rebanho deve imperar no reba-

24 Cf. ACCETTO, T. *Da Dissimulação Honesta*. Trad. Edmir Missio. São Paulo, Martins Fontes, 2001. Apresentação feita pelo tradutor. p. VIII. Cf. também: MAQUIAVEL. N. *O Príncipe*. Trad. e Sel. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores §XVIII, p. 80.

nho, — mas não deve ultrapassá-lo; os condutores do rebanho precisam de uma valoração fundamentalmente distinta de suas próprias ações, o mesmo valendo para os independentes ou para os “animais de rapina” etc.²⁵

O indivíduo e a criação de si.

Desde os seus primeiros escritos, Nietzsche aponta para a possibilidade e mesmo necessidade de *formação* [Bildung] do caráter dos homens *de exceção*; ou seja, daqueles que estariam a imprimir em um povo uma *unidade de estilo artística*, e nesse sentido, moldar-lhe uma cultura²⁶. Possibilidade que nessa época, segundo ele, desenvolve-se atrelada ao intento de “um *mais elevado* conceito de cultura” e de uma crítica ao “sentido histórico” de sua época²⁷. Tal formação dar-se-ia como “luta entre uma disciplina nova e rigorosa e os valores legados e inculcados”, agora incorporados como *natureza*. Se por um lado não seria possível excluir-se completamente desta cadeia, por outro, por meio dessa luta seria possível implantarmos “em nós um novo hábito, um novo instinto, uma *segunda natureza* [zweite Natur] que farão morrer a nossa *primeira natureza* [erste Natur]” — esta mesma, “uma tentativa de indicar para si *a posteriori* o passado do qual se queria ter saído, por oposição àquele do qual realmente se saiu” (UB-CEX-II §3,97-8).

Embora não seja nosso intuito delinear de forma mais detalhada o problema das ideias de *primeira* e *segunda natureza* em Nietzsche, gostaríamos de salientar aqui dois aspectos que nos parecem importantes para o desenvolvimento de nossa investigação: primeiro, a compreensão da ideia de “natureza” como uma consolidação, como já havíamos apontado, de hábitos e instintos. *Segunda natureza*, nesse sentido, seria o resultado da conformação de hábitos em superposição, ou mesmo substituição, a costumes já consolidados — a uma *primeira natureza*. O

25 NIETZSCHE, KSA, XII:7[6], 1886-7, p.280.

26 NIETZSCHE, *Segunda consideração intempestiva* §4, p.35.

27 NIETZSCHE, *Ecce Homo*. “Segunda consideração extemporânea” §1, p.67.

segundo aspecto diria respeito precisamente à compreensão dessa relação como um *processo*, no qual *primeira natureza* é apenas o resultado do “triumfo” de uma *segunda natureza* — enfatizando assim a transitoriedade dessa constituição. Tais aspectos nos possibilitam conceber a ideia de *caráter*, em Nietzsche, como o resultado, em maior ou menor grau transitório, da incorporação de *naturezas*.

Em sua juventude, a proposta de criação de uma segunda natureza será compreendida como um desvelamento da própria essência tendo em vista a constituição de um *caráter de exceção*. Desvelamento no qual tem importância fundamental o *educador* [Erzieher] que, pela exemplaridade *inspira* a construir a sua própria essência²⁸. É o papel, aliás, que desempenham, para o jovem Nietzsche, Schopenhauer e Wagner.

A partir de seus chamados “escritos intermediários”, principalmente em *A Gaia ciência*, a ideia da constituição de uma segunda natureza e formação de um caráter passa a ser compreendida não mais como uma *busca* da própria essência por meio da exemplaridade do educador, mas, atrelada a um “plano artístico” de *criação de si*, irá guiar-se principalmente pela atenção *a si próprio* e reinterpretação dos próprios impulsos. Enfatizando-lhe o viés artístico — caráter como criação *artística* de si — Nietzsche confere a tal constituição um novo propósito: “tornar-se o que se é”: Nós [...] *queremos nos tornar aqueles que somos* — os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos [*sich-selber-Schaffenden*]! E para isso temos de nos tornar os melhores aprendizes e descobridores de tudo o que é normativo e necessário no mundo²⁹.

Foge também ao nosso propósito um maior aprofundamento acerca das implicações e de toda a amplitude que a máxima de Píndaro tem no pensamento nietzscheano. Cabe-nos aqui apenas apontar para a íntima relação que esta tem com a proposta nietzscheana de criação para si de um caráter. Tal possibilidade estaria relacionada com a tarefa de trazer de volta a boa-

28 NIETZSCHE, *Terceira consideração extemporânea* §1, p.141-2.

29 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §335, p.224.

consciência *no indivíduo*: “Restituir ao homem mau a boa-consciência – foi esse o meu esforço involuntário?”³⁰.

Retomemos agora o foco da relação entre indivíduo e moralidade. Se, como vimos anteriormente, aumentando-se o poder de uma comunidade os “desvios” do indivíduo tendem a ficar menos perigosos e mais tolerados, nas épocas em que o “sentimento da moralidade” refina-se a ponto de volatilizar-se e enfraquecer-se, no “homem livre” – que “em tudo quer depender de si, não de uma tradição” – re-adquire boa-consciência toda aquela “espécie de originalidade” que, “sob o domínio da moralidade de costume”, havia adquirido má-consciência³¹. A seguinte passagem é de *Assim falou Zaratustra*: “Criadores foram, primeiro, os povos, e só mais tarde, os indivíduos; na verdade, o próprio indivíduo ainda é a mais jovem criação. [...] Mais antigo é o prazer pelo rebanho do que o prazer pelo eu; e, enquanto a boa consciência se chama rebanho, somente a má-consciência diz: ‘Eu’”³².

Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche retoma a ideia de *boa-consciência*, agora no indivíduo, como “crença em sua própria virtude”, em contraposição à “boa-consciência de rebanho”³³. Aqui, “a vida maior, mais múltipla e mais abrangente *vive além* da velha moral; o ‘indivíduo’ está aí, obrigado a uma legislação própria, a artes e astúcias próprias de autopreservação, autoelevação, autorredenção”³⁴. Também aqui terá o indivíduo que se desfazer da *segunda natureza*, aquela que lhe foi imposta pela educação via moralidade, depois convertida em *primeira natureza*; também aqui ele terá de se desfazer dessa “pele” e trazer à tona, já madura, a sua *primeira natureza*, agora na forma de uma *segunda*: “Uma contranatureza *provoca* formalmente uma segunda”, dirá ele posteriormente³⁵. Para além do teor reativo, nesse sentido, as estratégias de sobrevivência do indivíduo frente ao rebanho são o meio pelo qual a afirmatividade da constituição de si como *exceção* se torna possível.

30 NIETZSCHE, KSA-XII:7[6], 1886-7, p. 283.

31 NIETZSCHE, *Aurora* §9, p.19.

32 NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*. “Dos mil e um fitos”, p.86.

33 NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* §214, p. 110.

34 NIETZSCHE, *Além do bem e do mal* §262, p. 161.

35 NIETZSCHE, *Ecce homo*, “Humano, demasiado humano” §3, p.75.

Tal qual o desenvolvimento da moralidade no indivíduo, também aqui estaria associada uma crença – porém, não mais nas virtudes do rebanho, mas *em suas próprias virtudes*. O que confere à constituição de si também um novo *direcionamento*: tais virtudes devem não mais ser *buscadas acima* de si, mas *criadas* a partir de si mesmo, nos próprios impulsos e pendores, ou seja, nas opiniões acerca de si que encontramos por “trilhas erradas”³⁶. A partir de então, como salienta também em *Ecce homo*, “possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida”³⁷. “*Limitemo-nos* [portanto] a depurar nossas opiniões e valorações”³⁸, transfigurando-as em *virtudes*.

Podemos dizer que se trata aqui do mesmo trabalho de *domesticação* [*Zähmung*] de instintos a gerar a boa consciência do sentimento de *pertença a uma comunidade* – no caráter de rebanho; ou de *pertença a si próprio* – o caráter de exceção: ambas tendo como fruto a plenificação de instintos, seja no rebanho, seja, principalmente, nos homens de exceção. Plenificação que se traduz na *força de caráter* e que não se obteria em uma entrega ao acaso ou um mero “seguir os próprios sentimentos”. Há decadência, para Nietzsche, onde há fraqueza e desagregação; há ascensão onde há força e coordenação sob um impulso de comando. É preciso dominar “o caos que se é”³⁹. Daí a importância da *autodisciplina* [*Selbstdisziplin*], ou do *autodomínio* [*Selbst-Beherrschung*], enquanto coordenação de impulsos como meio para se chegar à grandeza de caráter – processo que Nietzsche compreende como *cultivo de si* [*Selbstzucht*].

Deve-se ressaltar, no entanto: “uma mera disciplina de sentimentos e pensamentos não é quase nada [...]: deve-se primeiro convencer o *corpo*. [...] o lugar certo é o corpo, os gestos, a dieta, a fisiologia, o *resto* é consequência disso”⁴⁰. Daí a importância atribuída por Nietzsche, desde *O Andarilho e sua sombra*, às “coisas próximas” – atenção que em *Ecce homo* irá tomar a forma de uma *grande*

36 NIETZSCHE, *Aurora* §115, p.88.

37 NIETZSCHE, *Ecce homo* § II ¶ 9, p.48.

38 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §335, p.224.

39 NIETZSCHE, KSA-XIII:14[61], 1888, p.247; e KSA-XIII:14[219], 1888, p. 394.

40 NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos* §IX ¶ 47, p.97.

dietética, envolvendo alimentação, clima, amizades, etc.; e cujo instrumento principal de seletividade e defesa seria o *gosto*. Caberia agora à filosofia a tarefa que antes cabia à moralidade, de “arte da transfiguração” e “transposição de estados fisiológicos para a forma e distância espirituais”⁴¹.

A alusão em *Aurora* à figura do jardineiro parece-nos sugestiva, primeiramente pela ênfase na preponderância dos impulsos ante o que pode o “autodomínio”; indicando o caráter fictício em que consiste o “tomar as rédeas de si”. “*Querer* combater a veemência de um impulso não está em nosso poder”, dirá ele. Aqui o intelecto é apenas o “instrumento cego de *um outro impulso*, rival daquele que nos tormenta com sua impetuosidade”⁴². Em segundo lugar, como forma de mostrar que, para Nietzsche o liberar-se das rédeas fictícias da moral não implica em uma entrega ao acaso, nem tampouco na crença em si como “fato inteiramente consumado”, mas tem como propósito *criar* para si novas rédeas, por meio da *atenção* aos próprios impulsos. Reconhecido o primado destes, assim como a ficção inerente a qualquer tentativa de “autodomínio”, trata-se de fazer destas pulsões a “matéria-prima” para uma reinterpretação e resignificação com a qual se chega à primazia da criação de si. O que implica em, por meio da *experimentação de si*, fazer-se *intérprete de suas vivências*.

Mas qual é o estatuto dessa criação?

Afirmar-se, diz Nietzsche, implica reconhecer como *necessários* até os desacertos e infortúnios. Ora, se é inevitável dispor também de nossas fraquezas, se é preciso “reconhecê-las como leis acima de nós”, é então necessária a “força artística” para torná-las “o pano de fundo em que ressaltam” as próprias virtudes⁴³; em outras palavras, para fazer com que tenham sentido e valor até os desacertos e infortúnios da vida: “Foi assim”, “Assim eu quis!”⁴⁴. Se há ainda exemplos a copiar, esses devem ser buscados nos artistas, transfiguradores de acasos em

41 NIETZSCHE, *A Gaia ciência*, prólogo§3, p.13-4.

42 NIETZSCHE, *Aurora* §560, p.279; e §109, p.81, respectivamente.

43 NIETZSCHE, *Aurora* §281, p.161.

44 NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*. “Da Redenção”, p.173.

necessidade – e de infortúnios em beleza sublime. Para além destes, porém, aqui, artista e obra de arte, arte e vida são uma só.

Dois características, em suma, marcariam a compreensão nietzscheana acerca da constituição de um caráter: a sua posição díspar – o seu *pathos da distância* – em relação àquele que se forma no seio da moralidade, próprio de um instinto de rebanho; e por outro lado, particularmente a partir de *Humano, demasiado humano*, o viés artístico que o permeia, como resultado de um projeto de *criação de si*. Vimos acima, com relação ao primeiro aspecto, que enquanto tensão entre indivíduo e moralidade, a hipocrisia tomaria a forma reativa de uma arte da dissimulação como forma de sobrevivência daquele frente ao grupo. Mas o que dizer com relação à segunda característica? Aqui, ao contrário, parece requerer-se um estado de boa-consciência que, a princípio, passaria longe de qualquer forma de hipocrisia e engano. Como, então, associar hipocrisia e criação de si?

Hipocrisia e caráter

Dois conceitos, a nosso ver, estão aqui em jogo: hipocrisia e autoengano.

É preciso que se tenha em mente, em primeiro lugar, que o que definiria a hipocrisia não seria tanto a escolha entre ser sincero ou mentir – já que é possível ser hipócrita mesmo sendo sincero – quanto a possibilidade de *ponderação acerca do momento* de ser sincero ou mentir. Ponderação que associaríamos a uma determinada forma de manipulação – ou, como preferimos, *manuseio* – e que aqui diferiria do engano apenas pela *perspectiva* que se apresenta: a do enganador ou a do enganado.

O autoengano, por sua vez, poderia ser compreendido como um *não-reconhecimento* dos processos mesmos pelos quais uma determinada “escolha” seria incorporada à constituição de um indivíduo como pessoa⁴⁵. Essa concepção aparece, no pensamento de Nietzsche, primeiramente como um *não-reconhecimento de si* como ficção, e da *negação de si* como necessidade – culminando com a hipótese

45 A esse respeito conferir: FINGARETTE, *Self-Deception*. p.66-71.

das ficções constitutivas do *eu*: “sujeito”, “consciência” e “livre-arbítrio”. Depois, atrelado à ideia de *boa-consciência* enquanto *crença* nas virtudes *do rebanho*, e ainda como *submissão a convicções* que caracterizaria a fé. Em ambas, regeria a *vontade de engano e aparência* – enquanto vontade fundamental do espírito, de ilusão e incorporação – porém, de forma *não reconhecida*, ou seja, voltada para si próprio.

Como já sinalizamos, simples correlação entre criação de si e hipocrisia já daria margem a problematizações, principalmente no que diz respeito à relação, discutida acima, entre uma *boa-consciência* e aquilo que Nietzsche concebe como “força de caráter”. De fato, como conceber a hipocrisia atrelada à boa-consciência – enquanto *crença* em suas próprias virtudes – quando se tem na *consciência do engano* e na *ausência de espontaneidade* duas de suas marcas? Nietzsche, a esse respeito, parece bastante claro ao apontar para o valor da espontaneidade própria à boa-consciência em detrimento das ações “ponderadas” – e, nesse sentido, não espontâneas – para a plenificação de instintos. Como ele mesmo afirma, “nenhum poder se impõe, se tiver apenas hipócritas como representantes”⁴⁶. Como, então, compreender a relação entre hipocrisia e boa-consciência? Ou ainda, entre ponderação e “força de caráter”? E mais, como pensar uma hipocrisia – enquanto manuseio e engano – com relação a si próprio?

É preciso que não percamos de vista a compreensão da formação de um caráter como um *processo*. Como vimos anteriormente, é por meio da consolidação de hábitos e constituição de um *ethos* que Nietzsche concebe a formação de um caráter pela moralidade, ou seja, um caráter de rebanho. Processo esse que, com a passagem de uma má-consciência no *indivíduo* a uma boa-consciência de *rebanho*, seria o meio para se chegar à boa-consciência, ou ainda *inocência* do *caráter de rebanho*. Ora, também a *criação de si* deve ser compreendida sob esse viés. Também aqui, a formação de um caráter estaria associada a um processo de constituição de um *ethos* a partir de hábitos. Diferentemente do caráter de rebanho, no entanto, os processos aí envolvidos – desde a “grande dietética”, o “cultivo” e “assenhoramento de si”, até a atenção e reinterpretação artística de impulsos

46 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §55, p.57.

– requereriam uma determinada forma de *intencionalidade* que aqui poderíamos – em oposição ao autoengano – chamar de *manuseio de si*. Se aquele pressuporia um não se assumir como sujeito do enganar, o manuseio de si implicaria precisamente esse *reconhecimento*.

“O que é simulado por longo tempo” – dirá Nietzsche – “torna-se enfim *natureza*: a simulação acaba por suprimir a si mesma, e órgãos e instintos são os inesperados frutos do jardim da hipocrisia”⁴⁷. Toda mudança, nesse sentido, parece requerer uma etapa de fingimento, de hipocrisia, que vai se constituindo como hábitos, ou máscaras, e destas a um caráter como “obra de arte consumada”. À diferença da criação autoenganada, no entanto, pressupõe-se aqui um *reconhecimento de si* como sujeito e objeto, também fictícios, do processo de criação – em última instância, um reconhecimento de si como *vontade de aparência*. Daí o estatuto artístico que Nietzsche lhe confere. Mas como pensar uma boa-consciência a partir daí?

Em nossa compreensão, embora a hipocrisia esteja envolvida nos processos que configuram a criação de si – manifesta no *manuseio de si* com vistas ao *assenhoramento das próprias virtudes* com vistas à formação de um *ethos* – a grandeza da “obra consumada”, ou seja, a força do caráter *constituído* implicaria em um estado de *crença nas próprias virtudes*, que não poderia vir senão com o restauro da boa-consciência no indivíduo – o que implicaria o retorno a uma condição de autoengano ou, se quisermos, de *inocência*. Aludindo ao *ator* como figura representativa dessa passagem – o que, de resto, avaliza o argumento de nossa investigação – Nietzsche o toma como aquele que, representando sempre o mesmo papel, deixaria enfim de sê-lo:

Como o parecer vir a ser. – Mesmo na dor mais profunda o ator não pode deixar de pensar na impressão produzida por sua pessoa e por todo o efeito cênico. [...] O hipócrita que representa sempre o mesmo papel deixa enfim de ser hipócrita. [...] Se alguém quer *parecer* algo, por muito tempo e obstinadamente, afinal lhe será difícil *ser* outra coisa. A profissão de quase todas as pessoas,

47 NIETZSCHE, *Aurora* §248, p.171.

mesmo a do artista, começa com a hipocrisia, com uma imitação do exterior, com uma cópia daquilo que produz efeito. Aquele que sempre usa a máscara do rosto amável terá enfim poder sobre os ânimos benévolos, sem os quais não pode ser obtida a expressão de amabilidade – e estes por fim adquirem poder sobre ele, ele é benévolo⁴⁸.

É pelo contínuo atuar sempre da mesma maneira, usando sempre a mesma máscara, que o ator toma o poder sobre seus ânimos. Porém, por fim, estes acabam por tomar o poder sobre ele – momento em que, convertendo a hipocrisia em inocência, deixaria de ser ator e adquiriria uma *segunda natureza*, ou ainda, uma *segunda inocência*.

Nietzsche vê esse processo de *incorporação* presente no modo de constituição do caráter de artistas, e também nos “condutores de rebanho”. Erra-se, diz ele, quando se pressupõe nestes um “desenvolvimento ingênuo e inconsciente”. A formação de seu caráter envolveria não só a domesticação de si próprio, mas também a “gélida circunspeção” pela qual a aura, no caso do artista, e também a *pia fraus* (mentira piedosa), no caso dos “condutores de rebanho”, são arquitetadas⁴⁹. Neles o “prazer na dissimulação” e o “excesso de capacidades de adaptação” próprios do ator desenvolvem-se – não só no indivíduo, mas mesmo por gerações – até que passam a comandar como instinto⁵⁰. Para tanto, é requerido “um gênio de ator e de um imenso cultivo do autodomínio”⁵¹. Nietzsche atribui ao caráter *de exceção* que daí surge a “falsidade com boa-consciência” [*die Falschheit mit gutem Gewissen*] – estado de inocência e engano acerca de si próprio, “marca da honestidade no embuste”⁵², pelo qual se readquire a crença em suas próprias virtudes.

No entanto, embora o *processo* de constituição de um caráter envolva todo o trabalho de cultivo e autodomínio próprios da criação de si, a necessidade de

48 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §51, p.55.

49 NIETZSCHE, KSA-XIII: 15[45], 1888, p.440.

50 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §361, p.262-3.

51 NIETZSCHE, KSA- XII:8[1], 1887, p.324.

52 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §52, p.55.

tornar crível a si e aos outros a sua própria crença implicaria na submissão às próprias convicções criadas e, por fim, o engano acerca de si como “obra acabada”. O manuseio de si, nesse sentido, converter-se-ia em engano de si; e a *criação* de si em *crença*. Artista e “condutor de rebanhos” seriam aqui espécies de atores autoenganados que, indo tão longe quanto possível na similitude, acabariam por incorporar um personagem deixando enfim de ser atores.

É pela crença em suas próprias virtudes, então, que artistas e “condutores de rebanho” – e de um modo geral, “homens de convicção” e “gênios organizadores” – chegam à consumação de si como obra de arte e constituem-se como caracteres fortes. Embora o “tornar-se senhor de suas virtudes e convicções” pressuponha a hipocrisia como manuseio artístico de si, o caráter que daí surge requer para sua força a *crença* nestas mesmas virtudes e convicções. A criação de si, nesse sentido, envolveria mestria em manusear, mas também em enganar a si – e esquecer desse engano. Poderíamos então assumir que, embora atuante na formação ou criação de um caráter, precisaria a hipocrisia deixar de existir para que venha à tona a força de caráter, dando lugar, como vimos acima, a uma *segunda natureza*, ou uma *segunda inocência*.

Gostaríamos, no entanto, de apresentar o problema agora sob outra ótica, e ao mesmo tempo propor uma espécie de abstração. São várias as passagens em que Nietzsche aponta para as implicações de, pela crença nas próprias virtudes e convicções, passar-se de um estado de *assenhoramento* a um estado de *submissão* às próprias convicções. *Sob a ótica de um espírito livre*, as crenças em geral não seriam sinal de força, mas antes, fraqueza⁵³. Se para o caráter de um *espírito cativo* seria necessária a submissão a convicções como um *fim* em si, ao espírito livre importaria a permanência em um estado de “*extrema clarividência*” – algo próprio das “grandes paixões” – no qual as convicções seriam apenas *meios* para si próprio⁵⁴. Não se trataria aqui de sair de um processo de criação a um estado de obra

53 NIETZSCHE, *O Anticristo* §637, p.305.

54 NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano* §52, p.55.

consumada⁵⁵, precisamente porque a “contínua mudança” lhe é característica. Poder-se-ia falar, no limite, de um *contínuo manusear*, pelo qual se mostra sempre senhor de suas virtudes, sem a elas submeter-se.

Visto sob uma perspectiva, digamos, *fisiológica*, esse *manuseio* seria a forma “visível”, de um processo contínuo de luta, incorporação e reconfiguração de impulsos; processo cujo *pathos*⁵⁶ Nietzsche concebe como *vontade de poder*, e frente ao qual tudo o que nos resta é a possibilidade de uma interpretação ficcional, seja pelo autoengano, seja por meio da arte enquanto transfiguração de acasos em necessidades e reinterpretação afirmativa de si como ficção – a arte do ator.

Daí sugerirmos que, chegando a esse estado *limite* de contínuo manusear, a hipocrisia estaria associada não apenas ao processo de constituição de um caráter, mas ao próprio caráter. Aqui o ator permaneceria ator, cuja característica seria a destreza em aproximar-se ao máximo de um personagem, mantendo o controle de todos os atos que o caracterizam; incorporando-os sem, no entanto, confundir-se com ele, mantendo o *distanciamento* – ilusório, porém necessário – em relação a seu “personagem”. Distância essa que Nietzsche vê exemplificada no “pôr-se em cena’ para si mesmo” dos atores:

Pelo que deveríamos ser gratos. – apenas os artistas, especialmente os do teatro, dotaram os homens de olhos e ouvidos para ver e ouvir, com algum prazer, o que cada um é, o que cada um experimenta e o que quer; apenas eles nos ensinam a estimar o herói escondido em todos os seres cotidianos, e também

55 Nietzsche, a esse respeito, conceberia talvez o *suicídio* como o “acabamento final” de si como obra. Para o autor, “a maneira como uma pessoa pensa na morte, durante sua vida mais plena, no apogeu de seu vigor, é testemunha eloquente daquilo que denominamos seu caráter” (Cf. *Opiniões e sentenças diversas* §88, 44). E ainda, uma “sábua organização e disposição natural da morte” estaria em “parar a máquina, quando a obra que dela se exigia foi completada”, ao invés de “deixá-la funcionando até que pare por si mesma” (*O Andarilho e sua sombra* §185, 247).

56 NIETZSCHE, KSA-XIII:14[79], 1888, p.259.

a arte de olhar a si mesmo como herói, à distância e como que simplificado e transfigurado – a arte de se “pôr em cena” para si mesmo. Somente assim podemos lidar com alguns vis detalhes em nós! Sem tal arte, seríamos tão-só primeiro plano e viveríamos inteiramente sob o encanto da ótica que faz o mais próximo e mais vulgar parecer imensamente grande, a realidade mesma⁵⁷ (FW/GC §78,106).

Queremos crer, portanto, que é no exercício dessa *distância artística* que o ator aprimoraria o assenhramento de si, desenvolvendo aí o seu caráter – um *caráter de ator*, nesse sentido – reconhecendo aqui, no exercício da dissimulação, a sua *inocência*. Longe de ser fonte de inautenticidade, compreendida sob esse enfoque, a hipocrisia seria, antes, *condição* para um *ethos* – caráter – autêntico. Mas não estamos aqui já a *tornar-se o que se é?*

Hypocrisy, morality and character in Nietzsche’s thought.

Abstract: This article deals with Nietzsche’s ethical problem of the constitution of an exceptional character, under two fronts: first, under a negative bias, as opposed to the morality of the herd. Later, on its constructive or affirmative time, properly as *creation of self*. The leitmotif of this double presentation is the defense of aspects from what we associate with the concept of hypocrisy as a key to an interpretation of that constitution. First, as an art of dissimulation, in the form of an individual’s refuge amidst the morality of the herd. Later, as the actor’s art, in the practices which Nietzsche associates to the self-constitution.

Keywords: ethics - self-creation - hypocrisy.

57 NIETZSCHE, *A Gaia ciência* §78, p.106.

Referências Bibliográficas

Obras de Nietzsche

COLLI, G; MONTINARI, M. (orgs.); *Nietzsche: Sämtliche Werke-Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlim; Munique; New York: Walter de Gruyter, 1999. 15 vols.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *O Anticristo - Ditirambos de Dionísio*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Assim Falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. 14ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *Aurora*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Souza. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Humano demasiado humano*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Humano demasiado humano II - Miscelânea de opiniões e sentenças / O Andarilho e sua sombra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*.

Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. In: *Sobre verdade e mentira*. Trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. “Terceira consideração extemporânea: Schopenhauer como educador”. In: *Escritos sobre educação*. Trad. e sel. Noéli Correia de M. Sobrinho. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.

Outras referências

ACCETTO, Torquato – *Da Dissimulação Honesta*. Trad. Edmir Missio. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FINGARETTE, Herbert. *Self-Deception*. Berkeley: University of California, 2000.

GIACÓIA Jr, O. Moralidade e memória: dramas do destino da alma. Moralidade e memória: dramas do destino da alma. In: PASCHOAL, A.E; FREZZATTI Jr, W. A. 120 anos de *Para a genealogia da moral*. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 187-241.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. Trad. e Sel. Lívio Xavier. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Coleção Os Pensadores.

SZABADOS, Béla; SOIFER, Eldon. *Hypocrisy – ethical investigations*. Toronto: Broadview, 2004.